



5000 (a latência 5000)
14/12/1999 5

78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98

Fonte: Inpa

Técnicos divergem sobre as causas do desmatamento

Jamil Chade
de Manaus

Um dos problemas mais graves que a Amazônia vem enfrentando nas últimas décadas é o desmatamento da floresta tropical que avança a cada dia. “A situação é muito grave e o território destruído já é equivalente ao de todo o território francês”, alerta o ecologista do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), Philip Fearnside. A estimativa é que 14,3% da Região Amazônica foram destruídos somente nos últimos 30 anos, enquanto apenas 1% teria sido desmatado entre 1500 e 1970.

Os motivos da destruição são diversos e mesmo entre os especialistas não existe um consenso sobre qual seria a principal causa. A expansão da fronteira agrícola, as madeireiras, a instalação de colonos, queimadas e a reforma agrária são destacadas como causas da destruição da floresta. O fato é que, desde os anos 70, o governo gastou aproximadamente US\$ 2 bilhões para que fazendeiros se instalassem na região e, para garantir a titularidade, 50% da terra deveria ser desmatada.

Segundo o ecologista do Inpa, o Mato Grosso e o sul do Pará são as regiões mais devastadas da Amazônia. Mas ele diz que as diversas regiões da floresta são distintas e a destruição ocorre por causas diferentes. “Em Rondônia, por exemplo, os maiores responsáveis são os assentados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), enquanto no Mato Grosso a maior parte da destruição é responsabilidade dos grandes fazendeiros”.

Quanto ao ritmo do desmatamento, Fearnside destaca que há uma oscilação, relacionada diretamente com o situação econômica do País. “A partir de 1995, verifica-se um crescimento acentuado do desmatamento, coincidindo com a estabilidade do País”, diz. O ano de 1999 deverá registrar um aumento de 25% no número de madeireiras na Amazônia.

Segundo o coordenador do escritório do Greenpeace na Amazônia, Paulo Adário, o motivo do crescimento é a desvalorização do real e a recuperação econômica da Ásia, possibilitando que as madeireiras asiáticas voltem a ter interesse pela

exploração da madeira brasileira. “O cenário é preocupante e pode se tornar ainda pior com a redução do papel do Estado na vigilância das empresas”, diz Adário.

Fearnside acredita que 70% dos problemas ambientais na Amazônia são gerados pela atividade agropecuária e não por pequenos agricultores. “Não é verdade que o desmatamento ocorre em decorrência da luta de pequenos agricultores para sobreviver”, diz o ecologista. Segundo ele, “alternativas econômicas devem ser encontradas para suprir os pequenos produtores, mas são os grandes proprietários que geram os problemas principais”. Para Fearnside, uma solução poderia ser a fiscalização que possibilitasse que o lucro das atividades predatórias dessas fazendas fosse inviabilizado.

Outra causa importante do desmatamento, segundo Fearnside, é a atuação das madeireiras que, de um lado, incentivam financeiramente que fazendeiros desmatem e, de outro lado, justificam a construção de estradas pelo interior da Região Amazônica. No ano passado, 29 milhões de metros cúbicos de madeira em toras foram retirados da floresta brasileira. Desse total, 85% têm como destino o mercado brasileiro e apenas 15% são exportados. “Somos nós mesmos que destruímos a floresta”, diz Adário.

Ele compartilha da preocupação do Inpa. “Na Amazônia, o grande problema é o setor madeireiro que, segundo dados da Secretaria Extraordinária de Assuntos Especiais, chega a ser 80% ilegal”. Adário afirma que 70% das mais de 2,3 mil empresas madeireiras na Amazônia estão localizadas nos Estados do Mato Grosso e Pará, enquanto apenas 2% estão no Amazonas. “Trata-se de uma indústria itinerante e por isso o Amazonas é o futuro das madeireiras”, diz Adário, ressaltando que esse é um dos principais motivos da instalação do Greenpeace na região. Para tentar reverter a situação, essa ONG busca estimular empresas para que optem pelo manejo sustentável de suas áreas. Com o objetivo de difundir e estimular a prática do manejo florestal, o Ibama implementou, desde julho, o Projeto de Apoio ao Manejo Florestal Sustentável na Amazônia (Promanejo). ■